

Proposta 33

Com base na leitura dos textos motivadores seguintes e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **HÁ ESPAÇO NA MÍDIA PARA O NEGRO BRASILEIRO?**, apresentando proposta de ação social que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

A invisibilidade dos negros na mídia brasileira não é assunto novo, mas as revistas para o público adolescente revelam um quadro cruel de exclusão. Em um país onde 57,8% das meninas de 10 a 19 anos se declaram pretas ou pardas (categorias cuja soma é comumente usada para medir a população negra), as publicações juvenis não as enxergam. Somente as brancas estão nas páginas. Não há diversidade.

É difícil crescer lidando com produtos que não te contemplam. Como explicar para uma pré-adolescente negra, em plena formação de identidade, que ela é bonita, se a revista preferida ignora seu tom de pele? Como enaltecer a beleza afro, se o conteúdo estimula o embranquecimento? Como acreditar que o crespo é normal, se as reportagens só exibem cabelos lisos? Estamos no século 21 e parece que paramos no tempo. Nós queremos existir.

As edições de agosto das três principais revistas para adolescentes do país omitem a população negra. *Atrevida*, *Capricho* e *Todateen*: 294 páginas, apenas cinco fotos de adolescentes pretas ou pardas. Na *Capricho*, uma imagem estava num anúncio; outra apresentava a nova integrante da equipe de leitoras que colaboram com a revista. Na *Todateen*, duas fotos estavam no mural de fãs; a terceira, como na concorrente, era da equipe de colaboradoras. E só. A *Atrevida* não trouxe uma adolescente negra. As cantoras e atrizes pretas ou pardas conseguiram espaço nas publicações pela fama, não pela cor. Foram 114 páginas de padronização e exclusão.

As redações sabem da composição do público. Quatro das cinco imagens foram enviadas por leitoras negras. Elas compram, leem, se interessam, interagem, participam, colaboram. Elas estão presente e são ignoradas. Não havia um editorial de moda com modelos negras, uma seção de penteados para cabelos cacheados e crespos ou uma dica de maquiagem para pele negra. As revistas abordam bullying, sexo, masturbação, compulsões, vícios, sempre com personagens brancas, como se as questões não afetassem ou não interessassem as negras.

É possível explicar a predominância das brancas nas páginas, quando elas são apenas uma parte das meninas de 10 a 19 anos? Se houvesse lógica nos números, 57,8% das imagens deveriam ser de meninas negras. Não é o que acontece.

Somos aproximadamente 9,7 milhões de cores, de cabelos com personalidade própria, de bocas grandes, de narizes largos, de sorrisos lindos, de leitoras, de público que vai pagar pelas revistas, de lucro. E ainda assim, não estamos lá. A mídia nos vende uma realidade que não existe. Vivemos no Brasil, o país da miscigenação. Ao abrir uma revista, me sinto na Rússia.

É cruel com as crianças que crescem com o sentimento de não pertencer ao universo apresentado nas revistas. É cruel com as adolescentes que se convencem que, ao alisar o cabelo e parar de tomar sol, vão se encaixar no padrão irreal. É cruel com as famílias que precisam trabalhar em dobro para promover a aceitação. Deviam ter as revistas como aliadas, mas elas são, na verdade, um desserviço.

Artigo de Isabela Reis adaptado para o tema. Disponível em www.bbc.co.uk/portuguese.

No ar como a Tia Celeste em "O Canto da Sereia", a atriz e cantora Zezé Motta, de 64 anos, analisou o atual cenário artístico brasileiro em entrevista exclusiva ao **UOL**. Conhecida por participar ativamente de movimentos sociais – especialmente dos que lutam pelos direitos dos negros e das mulheres –, Zezé comemorou a oportunidade que os negros estão tendo nos dias de hoje na TV.

"Foi uma luta muito grande, mas nós todos estamos felizes e otimistas. Nesses anos todos as coisas estão mudando devagarzinho. A gente está vendo aí negros protagonistas de novelas. Eu mesma já fiz vários papéis importantes", afirmou.

Zezé – que juntamente com integrantes do Movimento Negro criou o Centro de Informação e Documentação do Artista Negro (Cidan) – lembrou como surgiu seu interesse pela causa negra.

Na época em que atuou no longa "Xica da Silva", de Cacá Diegues, ela disse que ficava intrigada quando os jornalistas insistiam tanto na questão de uma atriz negra fazer uma protagonista.

"Eu sabia que aquilo incomodava, mas não sabia o que fazer. Tenho muita fé na força da oração. Então comecei a rezar e pensei que precisava fazer algo. Porque a essa altura, antes do filme, já tinha tido um comercial rejeitado por ser negra", recordou.

A atriz contou que o que mais a incomodava era o fato de o negro nunca ter família nas novelas. "Ele vivia ao redor da família para a qual trabalhava. O curioso é que nos Estados Unidos, por exemplo, que é assumidamente racista, existe uma lei que reserva um percentual de atores negros em cada produção. Se o negro não aparecer durante o filme inteiro, no final ele será o juiz. Pode reparar", disse, às gargalhadas.

Adaptado de <http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/10/estou-comecando-o-ano-com-o-pe-direito-diz-zeze-motta-sobre-papel-em-o-canto-da-sereia.htm>



"Desses poucos negros que aparecem nas novelas, a grande maioria é coadjuvante. Nem precisa procurar um histórico de novelas para saber. Façamos melhor... Que tal um teste? Se você costuma assistir às novelas da Globo, diga o nome desses atores. Ainda não achei ninguém que acertasse mais de quatro", diz Diego Damasceno.

Disponível em <http://dizendoquequer.blogspot.com.br/2011/09/vez-das-negras.html>